

RECEBA O MILAGRE

ESSE MUNDO ESTÁ CHEIO DE MILAGRES

O Milagre é o primeiro passo na **devolução** da função da causalidade à causa, e não ao efeito. Por que a palavra **devolução** ganha negrito? Porque o efeito e a causa são, em primeiro lugar, separados e depois revertidos de tal modo que o efeito vem a ser uma causa e a causa um efeito. E esse é o passo final da separação.

Devolução ganha negrito porque o Milagre não é só recebido como Reparação... Ele também é reconhecido como o primeiro passo na reversão da “antiga ordem”. A Reparação devolve à mente a função da causalidade ludamente atribuída ao efeito e permite que a mente se reconheça, então, como quem escolhe. Um novo Propósito pode, nesse instante, dar outra direção a essa escolha. O comando dado ao painel de controle é “*go Home*”.

E se pensarmos na separação como um passo final e o Milagre como um primeiro passo na **devolução**... observando o movimento circular presente em toda a Criação, a que conclusão chegaríamos? Fim e início não estariam precisamente um ao lado do outro? E, voltando à **devolução**, já em negrito... se fim e início fossem devolvidos um ao outro, continuariam sendo dois? Ou... quando deixamos de insistir em ver as brechas entre um e outro que nunca estiveram lá, não seriam reconhecidos como o mesmo?

Onde, então, se encontram os Milagres?

Esse mundo está cheio de milagres. Eles estão em silêncio radiante ao lado de cada sonho de dor e de sofrimento, de pecado e de culpa. Eles são a alternativa para o sonho, a escolha de ser o sonhador em vez de negar o papel ativo na invenção do sonho. Eles são os efeitos felizes de trazer de volta a consequência da doença à sua causa. O corpo é liberado porque a mente reconhece: “Isso não está sendo feito a mim, mas eu estou fazendo isso”. E, desse modo, a mente está livre para fazer uma outra escolha. Tendo aqui o seu início, a salvação procederá para mudar o curso de cada passo na descida para a separação até que todos os passos tenham sido retrçados, a escada tenha desaparecido e todo o sonhar do mundo tenha sido desfeito. (T-28.II.12)

Os Milagres estão precisamente em todo o espaço e em todo o tempo que julgamos existir... em Silêncio radiante, porque é *Disso* que são feitos...

E se colocássemos o sonho bem ao lado do seu sonhador? E se déssemos mais um passo... e devolvêssemos o sonho ao sonhador? Não seria esse o reconhecimento: “*Isso não está sendo feito a mim, mas eu estou fazendo isso*”? E, livre para fazer outra escolha, não poderia a mente permitir que cada passo dado em direção à separação tivesse o seu curso mudado? E quando todos os passos fossem retrçados, a escada desaparecesse e já não houvesse brecha alguma... o que mais poderia sustentar a ideia de não sermos Um?

EXERCÍCIO 20.09.26

Como colocar o sonho ao lado do sonhador? E ainda... como devolver o sonho ao sonhador?
A resposta é PRATICANDO. Mais precisamente: praticando o Perdão.

Comece por algo muito simples: observe o que parece estar acontecendo com você. Observe também o que você faz diante disso. Não tente explicar, justificar ou corrigir. Apenas reconheça o que está vendo.

Agora experimente devolver à causa a função que você atribuiu ao efeito. Em vez de perguntar “por que isso está acontecendo comigo?”, pergunte: para que estou usando aquilo que percebo? Que Propósito dei a esse encontro, a essa situação, a esse instante?

Talvez seja esse o primeiro movimento do Perdão: deixar de atribuir ao sonho a função da causalidade e devolvê-la ao sonhador. “*Isso não está sendo feito a mim, mas eu estou fazendo isso.*” Não como culpa. Como possibilidade de outra escolha.

E se outra escolha é possível nesse momento e nesse espaço, outra direção também é. Nossa disposição para deixar que as ilusões desapareçam é tudo, absolutamente tudo, o que o Espírito Santo espera para que o curso possa ser mudado e os passos, retrçados.

FOCO NO MILAGRE

ANTÔNIO

Antônio é meu filho. Meu amigo. E me recomenda filmes. Eu, que amo rever os mesmos... amo... confesso que resisto a cada nova recomendação, principalmente quando posso escolher a companhia de Kathleen Kelly e Joe Fox ou dela... Bernadette.

Para que eu aceite uma novidade sem resistência, Antônio lança, como um pescador habilidoso, uma daquelas pequenas iscas artificiais coloridas que escondem o anzol: “Mãe, você precisa ver esse filme porque ele é puro *Curso em Milagres*.”

Pronto! Como eu poderia resistir?

E assim, na semana passada, com o filme pausado na primeira cena, estrategicamente deixado ali para que eu não pudesse adiá-lo para outro dia, assisti a Devoradores de Estrelas com a seguinte provocação: onde ele teria reconhecido o *Curso em Milagres* no filme? E o efeito desta provocação...

Quanto precisamos lembrar para saber para onde voltar? O que faz de alguém um outro? Quanto daquilo que chamamos de “outro” depende da forma como aprendemos a reconhecê-lo? Quanto da diferença precisa desaparecer para que a comunicação seja possível?

E se absolutamente nada precisasse desaparecer?

E se Casa não fosse apenas o lugar para o qual voltamos? E se fosse aquilo que reconhecemos alegremente e em perfeita Paz quando já não precisamos sustentar a separação?

O filme é lindo.



UM PENSAMENTO PARA A SEMANA

Talvez ainda sobre o filme... algumas ideias sobre alfabetização psíquica... ou sobre caminhos que segui nesses dias:

O que é um analfabeto psíquico?

É aquele que produz uma escrita que não reconhece como sua. Percebe o que acontece dentro de si e vê o que acontece fora, mas não sabe ler a relação entre essas duas coisas. Conhece suas intenções, sentimentos e explicações, porém pode não reconhecer a própria letra naquilo que faz.

Tem habilidade em pensar em uma língua e agir em outra sem reconhecer que ambas são suas... é autor de uma escrita que ainda não sabe ler. A mente ainda lê o efeito como causa. Aquilo que percebe fora parece explicar aquilo que acontece dentro. O analfabetismo está em não conseguir distinguir o acontecimento da função causal que atribuo a ele.

O que é alfabetização psíquica?

É aprender a reconhecer a própria letra. Não significa interpretar tudo o que faço nem encontrar equivalências entre comportamento e sentimento. É adquirir a capacidade de observar, desenvolver o eu-observador:

o que percebo → o que faço → para que faço → que função atribuo ao que percebo

Reconhecer autoria devolve escolha. Enquanto acredito que aquilo que está fora possui a função da causalidade, posso me perceber como efeito. Quando devolvo à mente a função de escolher, posso dizer: “reconheço minha letra aqui.” E esse reconhecimento não colocaria o leitor bem ao lado do autor? E se déssemos mais um passo... o que ainda os manteria separados? O que mais poderia sustentar a ideia de não sermos Um?

